

Travessia do sensível pelos rios Xingu e Amazonas

Ralyanara Moreira Freire¹

Doutoranda em Antropologia na Universidade Estadual de Campinas (PPGAS-Unicamp)

ralyanara@gmail.com

Resumo

Nesse relato “antropográfico” faço o exercício de mostrar, por “escrita-imagem”, a vagareza do percurso de balsa que parte da cidade de Vitória do Xingu, no Pará, seguindo até Santana, no Amapá. Nele, as chamadas multiespécies se apertam no interior da embarcação que segue pelas caudalosas águas. As paradas nos portos de pequenas cidades beira-rio deixam ver a movimentação intensa de mercadorias, além do cotidiano deslocamento daquelas que utilizam a balsa como meio de transporte e as águas doces como lugar de passagem. A monotonia do percurso e a exuberância amazônica são contrastadas, sendo que as multiespécies e coisas são percebidas e acionadas como fio condutor da viagem.

Palavras-chave: Amazônia brasileira; travessia; multiespécies; antropografia.

Como já dizia Guimarães Rosa, “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe pra gente é no meio da travessia”. Na travessia, o real vai se mostrando de forma a revelar-se àquela que atravessa. Buscar um real possível, ou até impossível, a partir da travessia, também pode ser uma ação, um movimento de perceber algo entre tantos reais. Do meio da travesseia o “real” se impõe exuberante a ponto de mostrar o inesperado, o impensável, ou quem sabe tudo o que extrapola a si próprio. Muito embora Guimarães descreva as veredas dos grandes sertões, nos “gerais de minas” e Bahia, as ideias que o literato grafa saltaram à minha memória quando fui acionada por “Maria”.

1 Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Narrativas da Diferença (Pindoba) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Com receio dos imprevistos que uma travessia no rio Xingu poderia lhe oferecer – ataques de “piratas”, possíveis naufrágios, bem como crimes sexuais relatados pelas amigas viajantes – “Maria” me convidou, em 2018, para acompanhá-la de modo que pudéssemos nos apoiar durante a jornada. O trajeto de balsa inicia na cidade de Vitória do Xingu (PA), lugar fortemente impactado pela Hidrelétrica de Belo Monte, até Santana, região metropolitana de Macapá (AP). “Maria” desejava rever o filho, os netos, irmão e os sobrinhos, há tempos não visitados, mas também desejava me apresentar o curso do rio Xingu e o pedaço de floresta que a ela faz tão bem.

Goiana “do pé rachado”, o contato com o rio não é de todo um grande mistério para mim. Entretanto, deparar-me com toda aquela exuberância de água doce e floresta amazônica foi, de fato, envolvente. As quase trinta horas de viagem de ida, e outras trinta de volta, impactaram-me. Os chamados “choque cultural” e “estranhamento” foram inevitáveis e, no ritmo lento da balsa, cederam espaço para uma espécie de “ritual de passagem”.

Paraense de nascimento e de vivência, “Maria” cresceu sendo banhada pelo Xingu. Mas, ela também “estranhava o familiar” pois sentia medo do escuro, das águas, do boto e dos homens. Enjoos também foram constantes, todos provocados pelo odor que adentrava nossas narinas. Eram os sedimentos da carga de baixo, especificamente a do caminho de ida. O gado estava acomodado na parte inferior do barco, enquanto, de cima, observávamos tudo.

Daquele lugar privilegiado na balsa, eu via a pessoa responsável pela carga de baixo caminhar – vez e outra – ligeiramente, expressando na face preocupação. O homem mantinha cautela, o gado não podia se deitar e nem ficar exposto por muito à altas temperaturas. O calor extremo poderia desidratá-los e matá-los. Gado morto, prejuízo no bolso. Então, a cada duas horas o cuidador atento abria a torneira e banhava a carga com a água bombeada do rio.

No andar superior, outra carga, da qual eu fazia parte, também recebia sua dose de cuidado e preocupação. As refeições eram servidas rigorosamente às sete, onze e dezessete horas. O retorno não foi diferente, exceto pelo fato de os bois terem sido substituídos por coisas que, por sua vez, foram carregadas e descarregadas em paradas específicas durante a navegação. A cada cidadezinha banhada pelo Amazonas ou pelo Xingu, a balsa atracava. Em certo momento, me peguei no meio da travessia fotografando com meu celular o que passou por muito tempo parado, o que se movimentou rapidamente ou somente o que me adormeceu. Quando nada me chamava a atenção, quando sentia a inércia, lá estava “Maria” me dizendo: “esse caminho deixa a gente anestesiada”.

Era o sol que batia na água e feria meus olhos com tanta exuberância; era a água que, atrevida, me revirava o estômago de tanto balançar minha rede; era a rede que, de tão flexível, me abraçava no frio da noite. Nos portos, o entra e sai de pessoas e coisas me fazia entortar o pescoço de um lado para o outro “parecendo bola de pingue-pongue”, como observou minha amiga. Eu tentava acompanhar tamanho movimento. Tudo se atravessa em uma balsa: livro, telha, farinha, peixe, refrigerante, gado, caminhão, móveis, planta, legumes. Terra, fogo, água, gente...

A travessia foi se revelando aos pouquinhos. O que trago nessa narrativa, palavras e “grafias” (Kofes, 2015), está constituído pela experiência que eu vivi ao lado de “Maria”, ainda que meu olhar tenha se desviado dela em muitos momentos. Sobretudo, quero expressar, nesta curta montagem, um resultado possível do exercício do sensível. Não importando a técnica, apontei a câmera digital do meu aparelho celular, com poucos recursos, para aquilo que me impactava. Audaciosa, eu queria formar quadros semelhantes às cenas que me entorpeciam. A perspectiva era sempre de dentro da balsa para dentro da balsa, de dentro da balsa para fora da balsa, e, raramente, de fora da balsa para dentro da balsa, conforme as paradas feitas pelo balseiro.

Sabendo que, muito embora a antropologia se dedique tradicionalmente a estudar a humanidade em suas interações, quero apresentar a imagem como algo que se coloca para além de um produto de nossa própria percepção. Ela mostra-se como um modo de simbolização. O que comparece ao olhar irrompe ou transforma-se em imagem (Belting, 2012). Eu compreendo a imagem a partir do lugar da antropologia e considero a perspectiva do olhar, em relação metafórica com o “olhar etnográfico”, imprescindível. Sobretudo, olhar é mais que simplesmente ver e está posto para além da competência em se observar.

Quiçá, o olhar suponha implicação ou uma espécie de ser-afetado que se reconhece, nesse movimento de implicação, como sujeito. Apresento, então, um olhar que se faz ver pela antropografia. Considero que é preciso uma forma para que o olhar aceda à linguagem e à elaboração, para que seja possível transmitir uma experiência e quem sabe um ensinamento (Didi-Huberman, 2015). Em meus estudos antropológicos, as imagens têm ocupado o lugar do sensível e de uma linguagem que expressa minhas próprias experiências, por demasiado subjetivas. Unidas a este texto, apresento um olhar formatado, mas cuidadoso, destes dias de atravessamento do rio Xingu até o encontro com o rio Amazonas, fazendo ver a espera, a espreita e o movimento.

Referências

BELTING, H. *Antropología de la imagen*. Madrid: Katz Editores, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Falenas. *Ensaio sobre aparição*. Lisboa: Imago, 2015.

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela. *Vidas & Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

Recebido em 03 de junho de 2018.

Aceito em 24 de setembro de 2020.



Figura 1: Parada para embarque e desembarque no município de Gurupá (PA), já na metade da travessia. Aqui estamos sobre o rio Amazonas.



Figura 2: Ainda no Rio Amazonas, embarcação de pessoas aguarda sua partida no Terminal Hidroviário São Benedito, no município de Santana (AP), local em que a travessia terminou para nós.

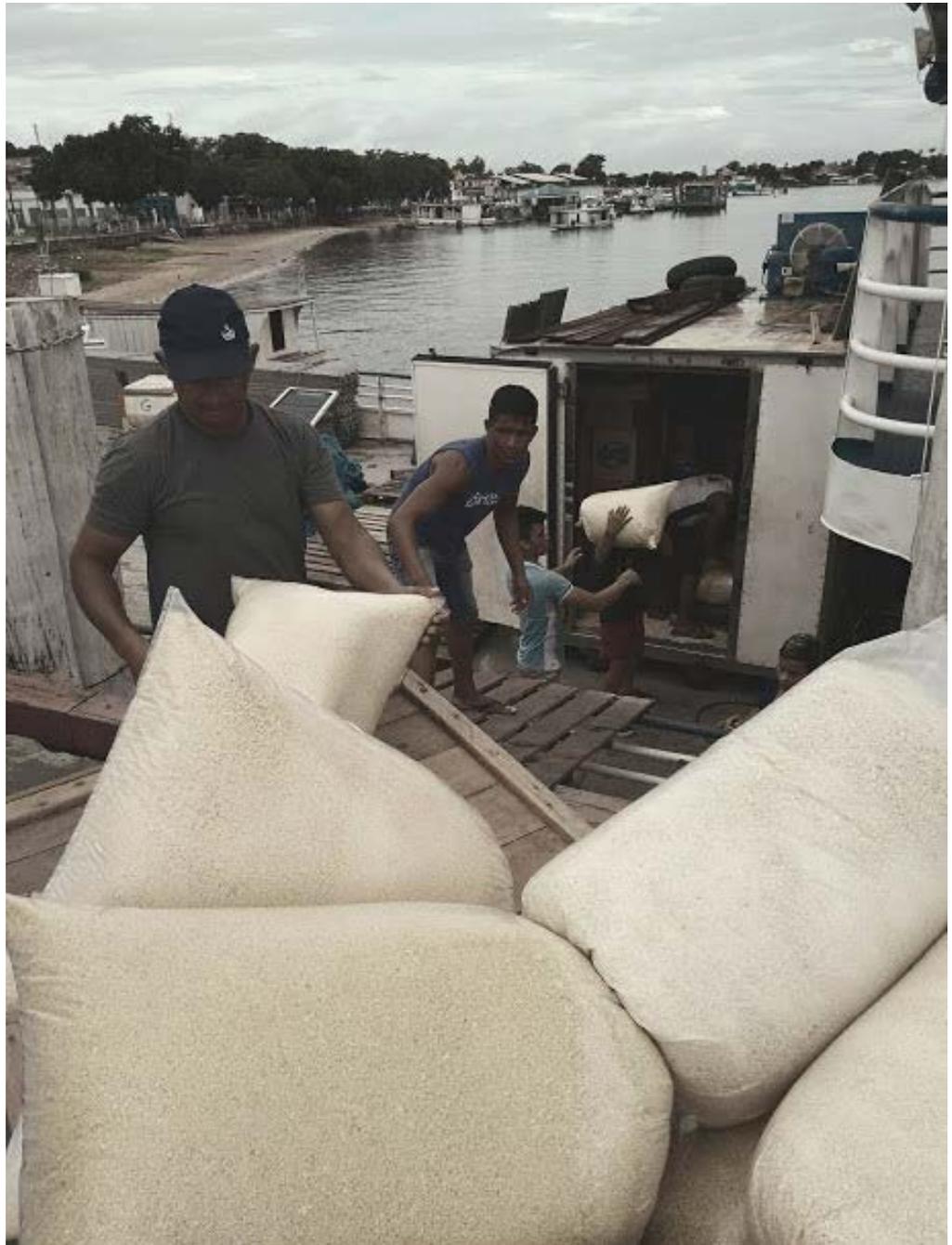


Figura 3: Terminal Hidroviário José Batista Filho, em Porto de Moz (PA). O local é bastante movimentado pela entrada e saída de mercadorias. Agora estamos no rio Xingu



Figura 4: O vendedor de quitandas observa, curioso, o que entra e o que sai da balsa. Apesar da grande movimentação de pessoas e coisas em Porto de Moz, suas quitandas não têm muita demanda.

Figura 5: O trabalho é pesado nesse Terminal e a balsa fica estacionada por cerca de duas horas. A mercadoria carregada, em Porto de Moz, será removida mais tarde, em Sanador José Porfírio ou Vitória do Xingu, no Pará.





Figura 6: Sem um objetivo específico, os homens apenas observam o rio Amazonas, as coisas e as pessoas.



Figura 7: São muitas as balsas que carregam gado. Da embarcação em que estamos, ainda no início da viagem, em Vitória do Xingu, podemos observar o confinamento dos bichos.

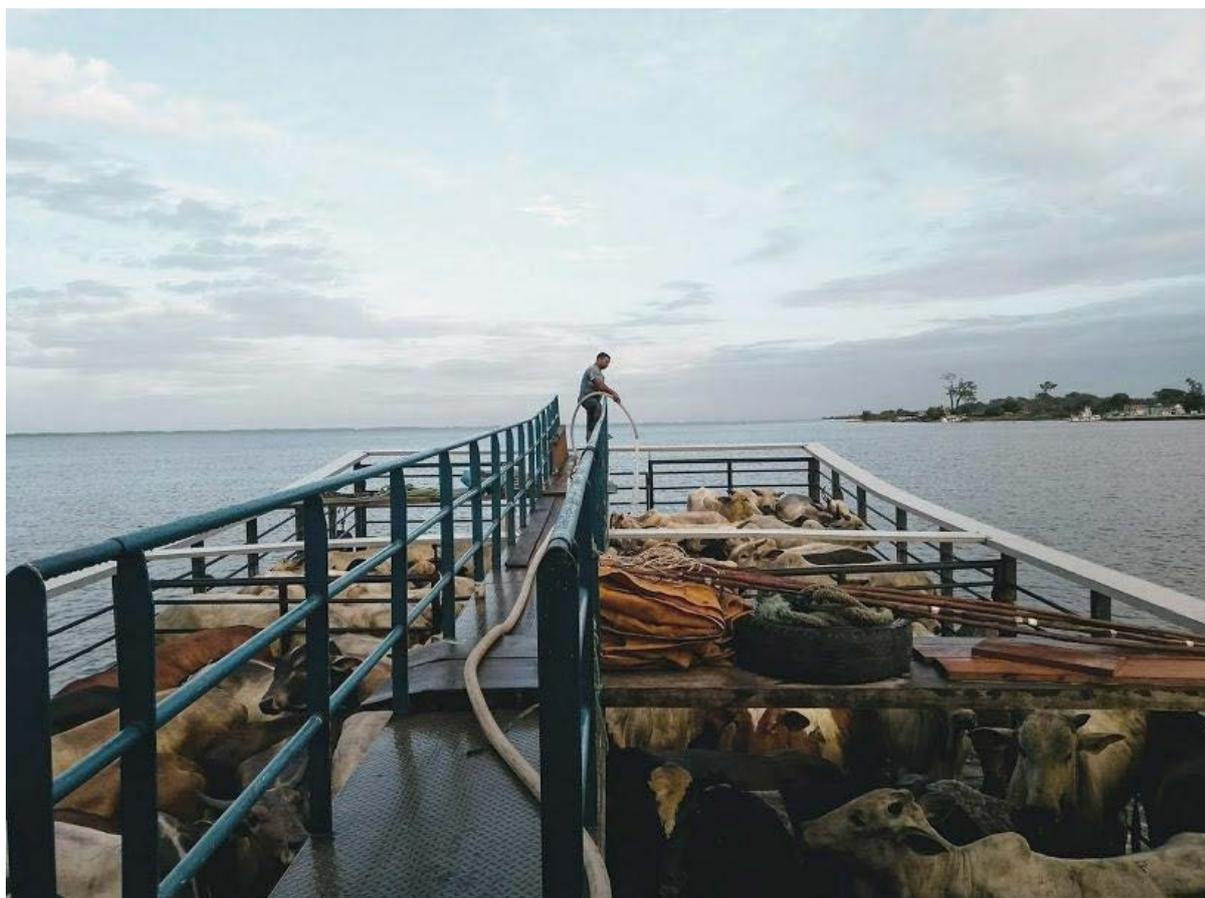


Figura 8: Os bichos são “regados” frequentemente. O odor de fezes e urina é forte, mas depois de algumas horas se torna imperceptível.



Figura 9: As poucas crianças que atravessam se entretêm com as discontinuidades do caminho – pequenas propriedades ou canoas que se aproximam.



Figura 10: Mãe e filha aguardam, preocupadas, pelo marido e pai. Ele ficou incomunicável nas últimas 10 horas.



Figura 11: “Maria” aproveita o sol e, quando ele se esconde, ela me conta histórias da travessia.



Figura 12: A rede é a melhor das companhias, ela nos conforta no sair do dia e entrar da noite. Cada pessoa tem sua própria rede e não se compartilha esse item.

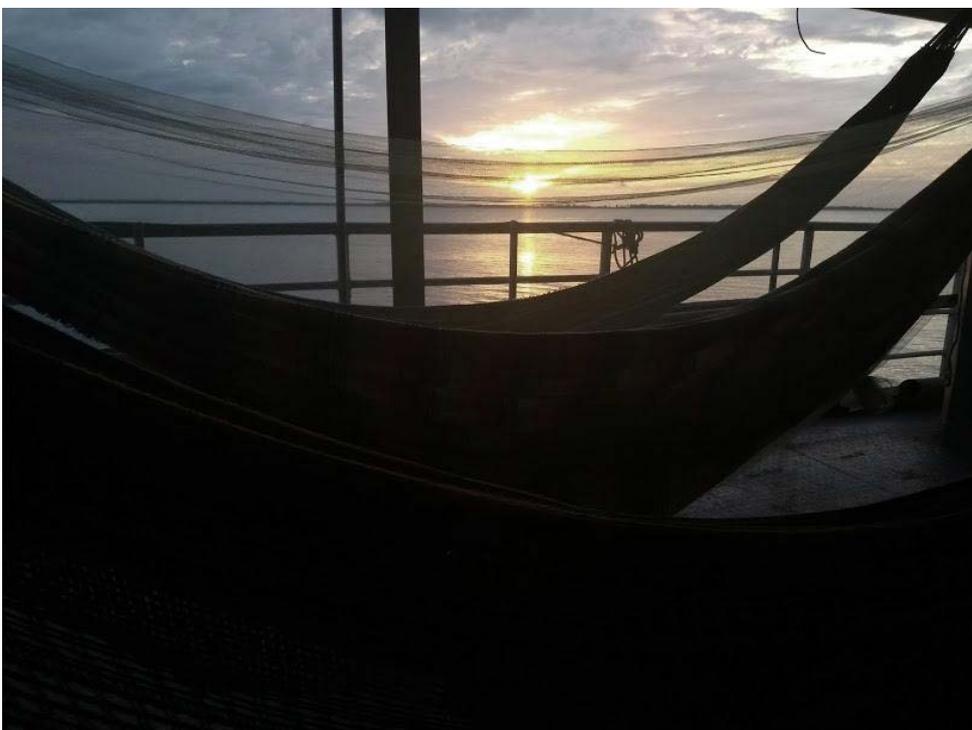


Figura 13: De vez em quando as redes são trocadas por um tamborete ou pelo alambrado da balsa, de onde se tem ampla visão do rio.

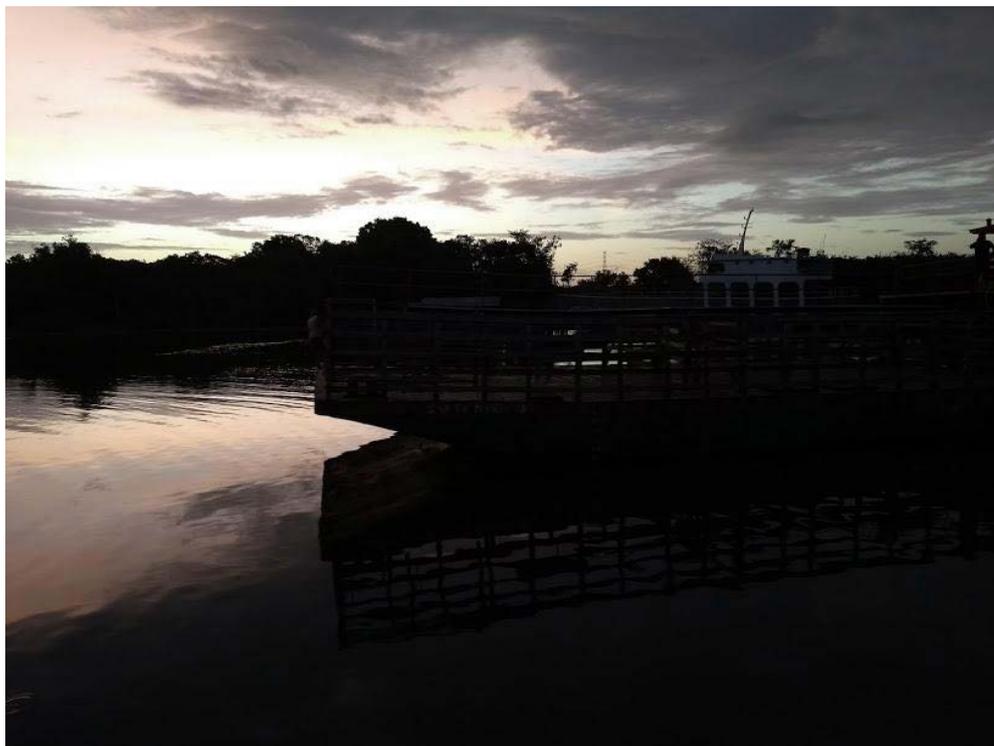


Figura 14: Fomos ultrapassadas por uma balsa um pouquinho mais ligeira que a nossa. Ainda é o Xingu?



Figura 15: Aqui, já não sabemos onde estamos e nos entregamos à travessia.



Figura 16: Estamos quase no fim, mas, há poucos dias, aqui era quase o começo.